



## **ANÁLISE ETNOGRÁFICA NO PROCESSO DE ENSINO- APRENDIZAGEM DE HISTÓRIA**

Itamara Weskla Barbosa Alves de Brito<sup>1</sup>  
Universidade Estadual da Paraíba  
marawbab@hotmail.com

Paula Almeida de Castro  
Universidade Estadual da Paraíba  
paulaalcastro@terra.com.br  
Orientadora

### **INTRODUÇÃO**

O ensino de História, na graduação, é dado de maneira que o futuro professor saiba, entenda e transmita para seus alunos um senso crítico, elaborado dentro de uma consciência histórica que este tomou por base em sua vida acadêmica, de modo que, sua formação consiste em duas funções básicas: inserir o aluno dentro da consciência histórica que este se encontra e desenvolver a perspectiva do aluno para que ele possa questionar as informações que o norteia.

Sendo inclusão e resiliência na educação questões com a problematização em alta, o método etnográfico se mostra como um aporte teórico-metodológico, onde através da observação participante permite o pesquisador investigar a trajetória das relações escolar.

A etnografia permite fazer uma análise do sujeito como um ser individual, tendo em isso vista, foi utilizado os artifícios e instrumentos da mesma em uma escola no município de Itabaiana – PB onde foi observado o comportamento dos alunos nas aulas da professora de História, do 6º ano.

A escola sofria graves problemas de infraestrutura, constando, por exemplo, com parte das salas (inclusive a sala da observação) anexadas a um antigo prédio que sediava um lar para idosos, sendo o mesmo, levemente

---

<sup>1</sup> Graduanda do curso de História da UEPB. Bolsista de Iniciação Científica do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) sob a orientação da profa. Dra. Paula Almeida de Castro (CEDUC/UEPB).



ajustado para comportar um ambiente escolar. Além disso, a professora, já em fim de carreira, não tinha mais motivação para cumprir seu dever.

Dado as circunstâncias, uma observação, até mesmo superficial, demonstra o quão problemática torna-se o contexto escolar dessa instituição. A etnografia permite entender o que passa com os alunos inseridos naquele ambiente.

## **1 ABORDAGEM METODOLÓGICA: AS CONTRIBUIÇÕES DA ETNOGRAFIA EM EDUCAÇÃO**

A investigação etnográfica permite que aquelas que as relações aluno - aluno, professor - aluno possam ser analisadas dentro de seu contexto cultural, social e psicológico, do ambiente escolar. Para isso, na escola escolhida, foi preciso cerca de alguns meses de convivência e anotações para se obter algum resultado válido.

Consiste em observação intensa e descrição, em sua ambientação original, das interações cotidianas daqueles sujeitos, considerando suas subjetividades (sujeitos e pesquisador). De modo que a observação constitui o principal instrumento no processo de compreensão do objeto estudado.

No convívio escolar, a abordagem etnográfica pode agir de forma a fazer com que o professor, após entender o contexto e os resultados da pesquisa, consiga perceber alguns discursos proferidos por indivíduos de determinadas culturas. Além disso, permite que o professor entenda o discurso do aluno, dentro do seu diálogo, e o leve a compreender que muito do outro é contexto daquilo que ele vive.

Mesmo sendo o contexto minuciosamente analisado, o grupo de interesse na etnografia são, pessoas diferentes, passíveis de serem desprezadas em outras abordagens (MATTOS, 2011).

## **2 RESULTADOS E DISCUSSÕES: O ENSINO DE HISTÓRIA E A RELAÇÃO PROFESSOR E ALUNO**

---



Para Cerri (2011), a principal função do professor de História é desenvolver o sentido crítico dos alunos. No entanto, foi constatado, através da abordagem etnográfica, que a falta de atenção dos alunos correspondia a falta de interesse de tratar dinamicamente o assunto.

As relações aluno-aluno, consistiam em, muitas vezes, xingamentos, violência, conversas paralelas; além disso, a falta de estrutura do ambiente permitia que a aula fosse interrompida vez ou outra por barulhos exteriores.

Em sua maioria, os alunos repetentes concentravam-se no fundo da sala, exceto um, repetente e especial, que se sentava em lugares à vista da professora. Este, se envolvia em algumas discussões com outros alunos, e, por outros, era tratado com extremo cuidado e regalia.

O mesmo aluno podia entrar e sair onde e quando bem entendesse. A professora deixava-o livre para “não assistir a aula, se ele quisesse”. No entanto, muitas vezes ele intervinha na sentença proferida pela professora durante a aula para mostrar algum desenho que ele fez durante a exposição do conteúdo, demonstrando não se importar com nada.

Foi percebido que esse aluno, assim como os demais, precisava estimular o interesse pela matéria, para só assim haver um leve intento de atenção. O aporte metodológico de ensino da professora tratava-se do mais tradicional, basicamente o mais utilizado na década de 60 - 70. De modo que, os alunos taxam não só a aula e a atividade, mas a disciplina de História, de maneira geral, como chata.

Era muito comum encontrar a sala visivelmente em caos: alunos brigando, outros conversando, o aluno considerado especial fora da sala e no quadro escrito algo como “exercícios da página X a página Y”, enquanto a professora conversava com um ou outro aluno ou estava sentada na sua mesa. É uma professora com o tempo de serviço já completado, e prestes a se aposentar. Aparenta esgotamento físico e emocional para enfrentar as nuances de uma sala de aula no auge do seu vigor energético.

---



Uma das maiores limitações das observações é presenciar situações adversas e não poder intervir diretamente. Seja impedir atos de violência, tirar dúvidas, ou seja, qualquer outro tipo de contato que venha a agir diretamente no contexto da sala de aula. Uma das observações, por exemplo,

“A professora está sentada na sua mesa, observando a sala. Neste momento, há alguns alunos em pé, maioria meninos. Os meninos são mais agitados; as meninas conversam muito; poucos fazem a atividade. Alguns, inclusive, estão fazendo origami. [...] outros alunos se desentendem por um motivo que, agora, desconheço. O ventilador faz um barulho atordoante e contínuo. Ela (a professora) chama a atenção dos alunos, que continuam fazendo a mesma coisa (brigando) e ela ‘ignora’...” (Trecho transcrito do caderno de campo; 27/03/2014).

## **CONCLUSÃO: DAS ENTRELINHAS DO PERCURSO A LINHA DE CHEGADA**

Nas observações foi constatado algo bastante peculiar em relação aos alunos e ao contexto social que vivenciei na sala de aula: a escola é a única que se encontra no centro da cidade, as demais se concentram na periferia. Porém a um movimento muito grande de superlotação na escola do centro, e em sua maioria de alunos vindos da periferia, que, na teoria, tem outras escolas por perto.

O resultado disso são salas com mínimo de 35 alunos, sem infraestrutura para suportar 20; e escolas da periferia com turmas sem alunos, inclusive, uma delas, prestes a ser fechada.

Além disso, da falta de estruturação que comporte um ambiente equipadamente pedagógico, há a falta de compromisso docente: notável a maneira de lidar com os alunos e a sala de aula da professora em questão.

Através dos métodos etnográficos de pesquisa e baseado nos seus fundamentos, as análises das observações permitem (sendo estas inseridas no contexto contrário) fazer com que o percurso dos desafios sócio escolar e educacionais seja menos tortuoso.

---



Partindo do pressuposto de que o indivíduo se torna aquilo que seu contexto social permite. Neste sentido, o antropologista cultural Franz Boas (1932) reafirma com essa máxima,

“Talvez possamos definir melhor o nosso objetivo como uma tentativa de compreender os passos pelos quais o homem tornou-se aquilo que é biológica, psicológica e culturalmente (BOAS, 1932, p. 88)”.

## REFERÊNCIAS

BOAS, F. Os objetivos da pesquisa antropológica. In: BOAS, F. *Antropologia cultural*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010.p.87-109.

CERRI, Luís Fernando. *Ensino de história e consciência histórica*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.

MATTOS, C. L. G.; CASTRO, P. A. de. *Etnografia e educação: conceitos e usos*. Campina Grande: EDUEPB, 2011.

---